David Satter

Quanto menos soubermos, melhor dormimos

TRADUÇÃO DE
Carlos Vaz Marques

ZIGURATE
LISBOA • MMXXII

Índice

Prefácio 11
Agradecimentos 17
Abreviaturas e designações administrativas 19

1. Os atentados bombistas de 1999 em edifícios residenciais 21
2. Ieltsin: caos e criminalidade 57
3. A vertical do poder 93
4. Terror selectivo 111
5. Um sistema sob ameaça 145
6. O destino da Rússia 173

Notas 185
Índice onomástico 205

Em memória das vítimas do atentado *Nord-Ost*
no teatro Dubrovka, do massacre da escola de Beslan
e das explosões nos edifícios residenciais russos

No meio do caminho em nossa vida / eu me encontrei
por esta selva oscura, / pois que a direita via era perdida.
Ai, quão dizer que era coisa dura / esta selva selvagem e
aspra e forte / que no pensar renova a tremura! / Tanto é
amarga que pouco é mais morte; / mas p'ra tratar do bem
que aí achei, / direi de coisas vistas de outra sorte.

Dante Alighieri, *Inferno*[1]

1
Os atentados bombistas de 1999 em edifícios residenciais

No Verão de 1999, com a era de Boris Ieltsin a chegar ao fim, aqueles que pertenciam à cúpula do poder na Rússia temiam pela sua liberdade e até pelas suas próprias vidas. Havia sinais de recuperação económica, mas a maioria dos cidadãos vivia ainda na pobreza e esperava meses pelo salário. O séquito de Ieltsin estava cada vez mais isolado e era alvo de um profundo ódio pelo papel que desempenhara na pilhagem do país. Segundo fontes russas e ocidentais com acesso à liderança do Kremlin, os principais membros da «família» Ieltsin — Tatiana Diachenko, filha do presidente; Boris Berezovski, seu conselheiro próximo e o homem mais rico do país; e Valentin Iumashev, membro do Conselho de Segurança e futuro marido de Diachenko — viviam no temor de um cruel ajuste de contas. Muitos deles estavam convencidos de que nunca abdicariam do poder.

Nos 12 dias que decorreram de 4 e 16 de Setembro, porém, tudo mudou. Quatro prédios de apartamentos explodiram em Moscovo, Buinaksk e Volgodonsk, e a controvérsia que assolava o país a respeito da corrupção e das privatizações foi subitamente esquecida. Oito anos de história da Rússia pós-soviética ficaram reduzidos às imagens chocantes de corpos a serem retirados dos escombros dos prédios atingidos pelos atentados bombistas.

O recém-nomeado primeiro-ministro Vladimir Putin exprimiu na perfeição o desejo de vingança do país. No dia 24 de Setembro, disse: «Vamos perseguir os terroristas por toda a parte. Se estiverem num aeroporto, será num aeroporto, e, perdoem-me, se os apanharmos numa casa de banho, será então na casa de banho que havemos de dar cabo deles (*mochit*)... Assunto encerrado.»[1]

As autoridades russas disseram que havia, nos atentados, uma «pista chechena»[2]. A redação era incomum: não

prova, mas uma «trilha». Os chechenos insistiram que nada tinham a ver com os atentados[3] e nunca foi tornada pública nenhuma prova do seu envolvimento. Mas as forças russas já lutavam, nessa altura, contra os rebeldes chechenos no Daguestão, e o país procurava desesperadamente alguém a quem culpar. Os russos opunham-se a um maior envolvimento na Chechénia, mas após os atentados contra os edifícios residenciais esse sentimento mudou[4]. Estavam agora prontos para uma nova guerra na Chechénia.

O mistério sobre quem fez explodir os prédios residenciais em 1999 nunca foi resolvido. Tanto quanto é possível saber sobre quem foram os perpetradores a partir das provas disponíveis, aquilo que se conhece não aponta para terroristas chechenos, mas para a liderança do Kremlin e para o FSB.

Quando, no dia de Natal de 2013, me disseram que os «órgãos competentes» tinham determinado que a minha presença no território da Federação Russa era «indesejável», tive a certeza de que o motivo principal era o meu papel na investigação dos atentados de 1999. Muitos jornalistas perguntaram-me: «Porque decidiram eles expulsar-te a ti e não outra pessoa qualquer?» As autoridades russas haviam tolerado a minha presença durante dez anos, desde a publicação do meu livro *Darkness at Dawn: The Rise of the Russian Criminal State*, no qual acusei o FSB de ser responsável pelas explosões. Fizeram-no, acredito, porque se me expulsassem teriam chamado as atenções para um episódio que o resto do mundo parecia ter esquecido.

Mas no final de 2013, quando eu ainda trabalhava em Moscovo, o poder de Putin estava a enfraquecer. Protestos em massa tiveram lugar em Moscovo e na Ucrânia eclodiu uma revolução popular. A questão dos atentados contra os edifícios residenciais nunca desaparecera por completo na Rússia, e agora os murmúrios começavam a ouvir-se mais alto. Nestas novas condições, evocar livremente o tema já não seria permitido.

Na Primavera de 1999, a Rússia de Ieltsin era uma nação traumatizada pelo empobrecimento e pela criminalidade,